QUANDO CHEGUEI, OS OLHOS AINDA ESTAVAM ABERTOS

Murilo Eduardo dos Reis¹

Vicente limpou os sapatos molhados no tapete. As mesas estavam quase todas ocupadas. Ele caminhou para a número oito, onde Djalma comia misto-quente junto à vidraça que dava para a calçada. Na sua frente, uma xícara de café com leite.

"Está atrasado."

"Desculpe, doutor. Fui dormir tarde."

"Saiu com alguém?"

"Não. Figuei vendo um DVD."

"E não dava pra ver em outra hora?"

A garçonete se aproximou e Vicente pediu um espresso.

"O filme tinha cara de madrugada. Só consigo ver nesse horário."

"Cara de madrugada?"

"Sim. Estilo os que passavam na Globo, no Intercine."

"Nunca fui muito chegado em televisão."

"Era um programa transmitido depois da meia-noite. Todos os dias, colocavam dois títulos em votação. Ganhava o que fosse mais discado pelo 0800."

"E só por isso eles têm cara de madrugada?"

"Não sei explicar direito. As histórias e as imagens meio que combinam com o horário. Tipo aquele do Van Damme, Cyborg: O Dragão do Futuro."

"Nunca ouvi falar."

"Pena. É um filmaço."

A garçonete trouxe o pedido e três sachês de açúcar. Vicente apanhou todos os saquinhos de uma vez e rasgou as partes de cima. Após despejar tudo, mexeu com a colherinha que estava sobre o pires. Fez uma careta enquanto bebia o primeiro gole.

"E qual filme você viu ontem?"

"Um argentino. Nove rainhas."

"Sobre o que é?"

"Sobre dois trapaceiros que ganham a vida enganando idosos, garçons e balconistas. Eles recebem dica a respeito de um político colecionador de selos que está na cidade. Tentam passar a perna no magnata com uma imitação das nove rainhas, cartela de estampas bem rara. No final, a gente descobre que tudo era um golpe dentro de outro golpe."

1 Doutorando em Estudos Literários.

183

"Parece interessante."

"Veja, doutor. É muito bom. Se quiser, posso te emprestar."

Djalma mastigou o último pedaço do sanduíche ao mesmo tempo que sorvia o restante de sua bebida. Depois de passar um guardanapo de papel no bigode e nas pontas dos dedos, jogou-o no prato, em meio aos farelos de pão. Pessoas andavam apressadas e empunhavam guarda-chuvas do lado de fora.

"Soube do João Bicheiro?"

"Então, doutor. O Agildo me ligou à noite. Dois tiros no peito, né? Será que descobriram que ele estava com a gente?"

"Difícil saber. Aquele ponto é muito disputado. Pode ter sido por qualquer motivo."

"Talvez assalto?"

"A carteira tinha quinhentos reais e estava dentro do bolso da calça."

"O senhor foi até lá?"

Djalma assentiu com a cabeça.

"Quando cheguei, os olhos ainda estavam abertos."

Viram o carro vermelho estacionar no lado oposto da rua. Do veículo, saiu um sujeito de cabelos bem penteados e jornal suspenso sobre a cabeça, o terno azul marinho impecável. Ele entrou no edificio de luxo e um homem de uniforme assumiu o volante do automóvel.

"O senhor acha que esse filho da puta finalmente vai dar alguma brecha nessa semana?"

"É pouco provável. Já deve saber que está sendo observado. Por isso, resolvi que vamos fazer daquele outro jeito."

Vicente terminou o café e, contemplando o fundo da xícara, apertou os lábios.

"Não sei, não, doutor. É muito arriscado pra mim. Minha esposa está desempregada. Já tomei advertência por causa da última vez. Se eu perder o trabalho, como ficam meus meninos?"

"Fique tranquilo. Se chegar no ouvido de alguém, assumo a responsabilidade."

"Bom, o senhor que sabe."

"As coisas estão no seu carro?"

"Sim. No porta-malas."

"Ótimo. Vamos."